



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6310 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 01 - História da Educação

HISTÓRIA, LITERATURA E EDUCAÇÃO: A CANÇÃO DE ROLANDO

Conceição Solange Bution Perin - UEM - Universidade Estadual de Maringá

Danielle Pereira da Cruz - UEM - Universidade Estadual de Maringá

Agência e/ou Instituição Financiadora: PIBIC/CNPq

HISTÓRIA, LITERATURA E EDUCAÇÃO: A CANÇÃO DE ROLANDO

O propósito desta pesquisa consiste em analisar os feitos dos heróis da época, estritamente de Carlos Magno (742-814) e seu sobrinho, Rolando, para entendê-los como uma expressão da educação da sociedade do século XII. Para tanto, utilizamos a obra *A Canção de Rolando* como literatura medieval e *Apologia da História ou o ofício do historiador* do historiador medievalista Marc Bloch (1886-1944) com a finalidade de assimilar o conceito e a relevância da história na formação humana.

Entendemos que a educação se evidencia em todos os momentos históricos. Em cada época o homem se comportou e pensou de uma determinada maneira, desenvolveu termos, ferramentas e objetos próprios. Visto que, o homem é fruto do seu tempo.

Segundo Marc Bloch (2002), a história é uma ciência. “Ciência dos homens, dissemos. É ainda vago demais. É preciso acrescentar: “dos homens, no tempo.” (BLOCH, 2002, p.55). A história não é um simples relato do passado. Seu objeto de análise não é o passado, esta ideia está equivocada, já que, “[...] a própria ideia de que passado, enquanto tal, possa ser objeto de ciência é absurda.” (BLOCH, 2002, p.52).

A história observa a humanidade, a vida real. Com isso, “[...] o objeto da história é, por natureza, o homem.” (BLOCH, 2002, p.52). O cerne da história é o próprio homem. “Os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais.” (BLOCH, 2002, p.60).

A ciência histórica é poética, faz parte das relações humanas. “A história, no entanto, não se pode duvidar disso, tem seus gozos estéticos próprios, que não se parecem com os de nenhuma outra disciplina.” (BLOCH, 2002, p.44). É uma ciência original.

Na *Apologia da História ou o ofício do historiador*, Bloch (2002) elenca como paradigma a ideia da interdisciplinaridade. Para ele, a história como ciência, precisa de outras para ter seu êxito. Não como auxílio, mas para fazer aprofundamentos, dar sustento às suas conclusões. Dado que, a história tem como objeto os homens no seu tempo. Dessa maneira, o historiador, estuda as representações coletivas, sua vivacidade e dinâmica. Necessita de fazer

conexões com o âmbito psicológico, cultural, social e econômico.

Conforme Bloch (2002), o historiador tem como tarefa precípua compreender a totalidade dos fatos. Bloch sustenta que não é a função da história fazer julgamentos. “Compreender portanto, e não julgar.” (BLOCH, 2002, p.30). O historiador tem que dar importância para o presente e passado, porque o presente se faz relevante para interpretar o passado e mutualmente, estão relacionados. “A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente.” (BLOCH, 2002, p.65).

Diante do exposto, é imprescindível a leitura dos clássicos, pois a história dos homens não se trata um indivíduo ou de uma questão isolada das prioridades sociais, mas de uma conjuntura. A partir de aproximações da história, arte literária e educação é possível realizar maiores reflexões, aprimorando assim, a criticidade do pensamento humano e um entendimento teórico sobre a formação humana do período. Com isso, menciona-se *A Canção de Rolando*.

A Canção de Rolando (1988) não possui autor revelado, pois é fruto da tradicional oral medieval, sendo assim, a identidade do autor é perdida ao longo do tempo. Esta obra é uma canção de gesta, isto é, um longo poema épico, trata sobre grandes feitos por um herói, neste caso, Rolando, considerado como um mártir, símbolo de lealdade, pureza e cavalheirismo. Rolando era um marquês, sobrinho de Carlos Magno, rei dos Francos.

Esta canção foi escrita no final do século XI, início de XII, mas refere-se aos acontecimentos do século VIII, como a marcante Batalha de Roncesvales, sucedida em 15/08/778. Deveras, A Canção de Rolando apresenta episódios verídicos, no entanto, em sua estrutura contém diversos anacronismos, pelo fato de ser redigida muito tempo depois de sua transmissão, além do mais, nesse período histórico, as canções de gesta eram popularizadas oralmente. Com isso, os aspectos culturais, políticos e sociais de um determinado recorte geográfico e temporal são transformados para a realidade de quem delineou a obra. Vejamos abaixo:

Debaixo do céu, ninguém é tão bravo; é um verdadeiro bravo, tanto quanto Olivier, seu companheiro; os doze pares, que Carlos tanto ama, formam a vanguarda com vinte mil cavaleiros. Carlos está tranquilo, não teme homem algum. (A CANÇÃO DE ROLANDO, 1988, p.32).

Na época feudal os pares eram os vassallos de um mesmo suserano, com o tempo, designaram-se aos vassallos mais prestigiosos que compunham a corte ou conselho do suserano. Nota-se que há uma transferência cultural de um tipo de sociedade para outra.

Esta literatura francesa medieval narra os confrontos físicos e ideológicos entre os cristãos (Francos) e os sarracenos (Árabes e Muçumanos) na fronteira da França e Espanha. A França é representada pelo rei Carlos Magno (742-814), como se tivesse 200 anos, também colocado no texto como o destemido imperador, outro anacronismo, visto que, ele obtém esse título depois da Batalha de Roncesvales, mais precisamente em 800.

Magno anseia em conquistar Saragoça, cidade da Espanha dominada pelo rei Marsilio, sendo este, um herege devotado por uma estranha tríade de deuses: Maomé, Tervagante e Apolo. O primeiro concerne ao profeta de Alá, o segundo é um deus fictício e o terceiro entende-se por um deus grego. O apossamento de Saragoça significa não só uma vitória territorial para os Francos, mas principalmente o triunfo da fé cristã.

Um dos principais elementos que delineia toda a obra, é a dualidade entre os vícios e

virtudes e uma visão maniqueísta. Os francos são tidos como paladinos, ou seja, cavaleiros dotados de bons valores, justos, sábios, belos, praticam a verdade, seguem a lei cristã, possuem virtudes. Em contrapartida, os sarracenos são seguidores da mentira, maldosos, néscios, feios, adeptos da fé estranha, contém vícios. “Atacai, Franceses, nosso é o primeiro golpe! Nós estamos do lado direito e estes gulosos do erro!” (A CANÇÃO DE ROLANDO, 1988, p.49).

O cavaleiro virtuoso jamais comete a perfídia, não sente medo, defende o seu suserano e a Graça de Deus, mesmo cansado, se esforça para dar o seu melhor, luta com coragem e força. “Por seu senhor um homem deve sofrer grandes males, suportar o maior frio, o maior calor; deve perder seu sangue e sua carne.” (A CANÇÃO DE ROLANDO, 1988, p.47).

Após a retaguarda de Carlos Magno ser perseguida, são exibidas a todo instante as virtudes dos doze pares de Rolando, sendo eles: Olivier, Turpino, Gerino, Gerier, Oton, Berenger, Ivon, Ivório, Engelier, Samson, Anseís, Gerard de Roussillon. Os personagens aparecem sempre em pares, demonstrando as personalidades opostas, “Rolando é bravo, Olivier é sábio.” (A CANÇÃO DE ROLANDO, 1988, p.46).

Os cavaleiros que expressassem os vícios eram acometidos por canções maldosas feitas pela sociedade, alastrando sua imagem enegrecida. “Que cada um se esforce em dar grandes golpes, para que não façam canções maldosas sobre nós!” (A CANÇÃO DE ROLANDO, 1988, p.44). Com as inúmeras mortes dos francos, Rolando vê a necessidade de tocar a trombeta requerida desde o início por Olivier. Olivier era sobrinho de Girart, e Rolando de Carlos Magno. No combate, Olivier perde e entrega a sua irmã Alda como prêmio de Rolando. Porém, o rei Carlos chega tarde, encontrando o marquês e os doze pares da França mortos. Dessa maneira, Carlos Magno vinga a morte do seu sobrinho e da sua corte, perseguindo os pagãos.

A Canção de Rolando é composta por 4.002 versos, a maioria são repetidos para prender a atenção do leitor, como dito anteriormente, as canções eram declamadas, a repetição é uma característica comum para dar ênfase na obra. Como exibe-se na estrofe 84: “Companheiro Rolando, tocai vosso olifante. Carlos ouvirá e mandará o exército voltar; o rei e seus barões virão nos socorrer.” (A CANÇÃO DE ROLANDO, 1988, p.46). Também na 85: “Companheiro Rolando, tocai nosso olifante. Carlos, que está na passagem dos desfiladeiros, ouvirá, garanto que os Franceses voltaram.” (A CANÇÃO DE ROLANDO, 1988, p.46).

A Canção de Rolando é repleta de símbolos, os objetos caracterizam ações, como por exemplo: “O rei diz: “Ganelão, avançai e recebei o bastão e a luva.” (A CANÇÃO DE ROLANDO, 1988, p. 27), esse gesto quer dizer que Ganelão será embaixador do imperador na cidade de Saragoça. Outro momento que retrata esse simbolismo é na morte de Rolando, quando ele estende a luva para Deus, esse comportamento feudal tem sentido de entregar-se, Rolando se sujeitou a Deus, cedeu a sua alma.

Rolando sente que seu tempo acabou; voltado para a Espanha, ele está num outeiro escarpado. Com uma das mãos começou a bater no peito: “Deus, por tua graça, *mea culpa* por seus pecados, grandes e pequenos, que cometi desde a hora em que nasci até este dia em que fui abatido!” Estendeu a luta direita para Deus. Os anjos do céu descem para ele. (A CANÇÃO DE ROLANDO, 1988, p.77).

Além dos objetos carregarem uma bagagem simbólica alguns são nomeados, como os instrumentos de guerra. “Eu atacarei com a minha espada Durindana e vós, companheiro,

atacareis com Hauteclairé.” (A CANÇÃO DE ROLANDO, 1988, p.55). Sonhos premonitórios do imperador também são detalhados nesta canção de gesta. Observa-se abaixo:

O dia acaba e a noite escurece; Carlos, o poderoso imperador adormece. Sonha que está nos largos desfiladeiros de Ciza e que segura nas mãos a lança de freixo; e então o conde Ganelão a arranca, sacode-a e empunha-a, com tal furor que as centelhas voam para o céu. Carlos dorme: ele não acorda. (A CANÇÃO DE ROLANDO, 1988, p.37).

Nas batalhas fica explícita a relação da canção épica com fontes bíblicas. “Quando o rei vê cair a tarde, desce à relva verde de um prado, deita-se na terra e pede ao Nosso Senhor que pare para ele o curso do sol, retarde a noite e prolongue o dia. (A CANÇÃO DE ROLANDO, 1988, p.79). Esse episódio ocorreu quando Deus atrasou o curso sol para Josué obliterar os inimigos. A interferência do narrador também é constante na obra.

Os Francos se instalam por toda a região. Vestiram as cotas de malha e as couraças, prenderam os elmos e cingiram as espadas, os escudos predem ao pescoço, as lanças estão empunhadas. Deus! Que pena que os Francos não saibam. (A CANÇÃO DE ROLANDO, 1988, p.37).

A canção de gesta diferentemente do romance de cavalaria, apresenta uma descrição assídua de marcas das guerras. Como por exemplo: “O conde Rolando, com grande dificuldade e grande esforço, com grande dor, toca o olifante. E de sua boca jorra o sangue claro e em sua testa a têmpera se rompe: mas o som da trompa que ele segura se espalha muito longe.” (A CANÇÃO DE ROLANDO, 1988, p.62-63). Igualmente, logo após:

Então ele empunha sua boa espada Durindana toda desembainhada, esporeia o cavalo e vai atacar Chernuble; rompe-lhe o elmo onde brilham rubis, corta a parte de trás e o forro e os olhos e o rosto, e a alva cota de malha muito fina, e todo o corpo até a virilha; através da sela com lâmina de ouro a espada atinge o cavalo, corta-lhe a espinha sem procurar a articulação, derruba mortos o homem e o animal sobre relva espessa. (A CANÇÃO DE ROLANDO, 1988, p.52).

No decorrer da leitura, constata-se uma moralidade de fundo. A religião é apenas o estopim da guerra. Há uma visão maniqueísta de mundo, duplicidade entre o bem e o mal. Percebe-se que na Canção de Rolando valoriza-se somente um lado da história, o dos cristãos. Por conta disso, produz-se características semelhantes entre os reinos.

Por exemplo, no catolicismo existe uma trindade, essa estrutura celeste também é passada para a religião dos pagãos. No lado dos francos, o imperador tem barba branca e florida, seu exército tem um grito de guerra e doze pares, de “[...] todos os lados grita-se: “Monjoie!” (A CANÇÃO DE ROLANDO, 1988, p.53), é cercado de familiares e um sobrinho que luta consigo. A barba representa um anacronismo, pois na época de Carlos Magno usava-se bigode, somente no século IX torna-se moda a barba longa. O grito de guerra (Monjoie) possui origem mística ou religiosa. *Mund gawi* - proteção do país. Da mesma maneira, aspectos culturais dos francos são evidenciados no reino pagão. Por não conhecer a realidade cultural de outros povos, o escriba que rascunhou a obra generaliza os fatos.

O sobrinho de Marsilio segura a luva na mão, dirige-se ao tio em termos altivos: “Caro senhor meu rei, vós me destes um grande presente. Escolhei doze de vossos barões, e assim eu combaterei os doze pares. (A CANÇÃO DE ROLANDO, 1988, p.41).

O rei Carlos Magno é enaltecido, ele é um imperador sensato e poderoso, formula suas palavras com diligência. “Jamais sua palavra foi apressada: tal é o seu costume, ele fala com calma.” (A CANÇÃO DE ROLANDO, 1988, p.22). Rolando, seu sobrinho, morreu como um mártir cristão, figura de honra e bravura. Na Canção de Rolando também é exposto que o clero além de ser responsável por orar, também participava na guerra.

Do outro lado está o arcebispo Turpino; ele esporeia o cavalo e sobe a uma pequena elevação; chama os Franceses e faz este sermão: [...] Ajudai a defender a cristandade. [...] Vou absolvermos para salvar vossas almas. Se morrerdes, sereis santos mártires e tereis lugares mais altos no paraíso. (A CANÇÃO DE ROLANDO, 1988, p.47).

Portanto, entende-se que *A Canção de Rolando* deixa notório o contexto social e cultural da sociedade no século VIII até os XII. Apresenta em sua estrutura algumas problemáticas sociais que vão sendo desenvolvidas ao longo da leitura, servindo de reflexões para a sociedade atual. Por mais que os períodos passaram e transformações drásticas aconteceram na realidade, os vícios e virtudes do homem continuam os mesmos, apenas adaptam-se para as necessidades presentes.

A educação e a moralidade do homem medieval perpassam toda a história. Como também a imposição da cultura. Na obra, a rainha Bramimonda, esposa do rei Marsilio é levada cativa, “[...] ela ouviu tantos sermões e nossos conselhos que quer acreditar em Deus e pede batismo [...]” (A CANÇÃO DE ROLANDO, 1988, p.117).

O amor, considerado o sentimento mais grandioso, também aparece em diversos momentos históricos, porém, sua colocação se baseia nas necessidades de cada época. Na *Canção de Rolando*, a noiva de Rolando, Alda, morre de desgosto ao descobrir que ele está morto. ‘Esta palavra é estranha para mim. Não agrada a Deus, seus santos e seus anjos, que eu continue viva depois de Rolando!’ Ela perde a cor, cai aos pés de Carlos Magno, morre em seguida.” (A CANÇÃO DE ROLANDO, 1988, p.110). Entende-se que trata sobre uma união vassálica, relação de dependência, e não um relacionamento como concebemos na atualidade.

O interesse do homem com os bens materiais fica explícito “Mais vale eles perderem as cabeças do que nós perdermos nossos títulos e propriedades e sermos reduzidos a mendigos!” (A CANÇÃO DE ROLANDO, 1988, p.20). A angústia e sentimento de perda eram frequentes. “Entre eles não há cavaleiro nem barão que não chore dolorosamente; choram os filhos, os irmãos, os sobrinhos e os amigos e os vassalos fiéis; muitos desmaiam no chão.” (A CANÇÃO DE ROLANDO, 1988, p.79).

A nosso ver, esses e outros fatores justificam a relevância de ler e estudar história e educação. Visto que, a sociedade viveu angústias, desorientações e incertezas do que era o “certo ou errado” para as suas vidas. O homem atual não é diferente, possui os mesmos vícios e virtudes. Por conseguinte, a leitura permite o discernimento de que uma sociedade nasce nos braços da outra, nada aparece por acaso, as coisas não são criadas, são transformadas. Passado e presente se entrelaçam.

A historiografia procura uma aproximação do passado e presente. Bloch (2002) alude que as inquietações surgem no presente, o historiador do século XX não levanta problemas idênticos de um historiador do século anterior ou posterior, porque a questão se apresenta no “agora”. Cada vez que o homem volta ao passado, aborda novos elementos, encontrando fatos que não havia visto antes. Isso sucede devido a uma intensa modificação do homem na história.

O estudo nos possibilitou reconhecer que o a história é de extrema relevância na vida do homem, sua incompreensão é um ato de ignorância, por rejeitar as relações sociais. Aqueles que se dedicam a essa ciência com característica poética, excede as barreiras da superficialidade da vida humana, “[...] os eventos passam, mas os grandes pensadores ficam e se perpetuam.” (BLOCH, 2002, p.11).

Por fim, podemos afirmar que a literatura clássica e análises históricas sobre questões educacionais, nos possibilitam a compreensão de determinados momentos e a relação que o passado e o presente estabelecem entre si. Assim, cabe ao professor “[...] saber falar, no mesmo tom, aos doutos e aos escolares.” (BLOCH, 2002, p.41). Usar de uma dupla linguagem para difundir o conhecimento e tentar combater a ignorância com o entendimento, com rigor científico e metodológico.

Palavras-chave: *A Canção de Rolando*. Passado-presente. Educação.

REFERÊNCIAS

A CANÇÃO DE ROLANDO. Trad. Ligia Vassalo. RJ: Ed. Francisco Alves, 1988.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou ofício do historiador**. RJ: Zahar, 2002.